

Joaquim Nabuco, conferência, pelo Sr. Affonso de Toledo Bandeira de Mello. — Rio de Janeiro, 1940.

O Sr. Affonso de Toledo Bandeira de Mello, ilustre publicista e antigo representante do Brasil na Repartição Internacional do Trabalho, realizou, na Biblioteca do Palácio Itamarati, uma conferência sobre Joaquim Nabuco, o grande vulto do abolicionismo no Brasil, a qual foi, posteriormente, publicada em folheto editado pelo Serviço de Estatística da Previdência e Trabalho, do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

Na referida palestra destinada a comemorar o 29.º aniversário da morte de Joaquim Nabuco, foram abordados, embora rapidamente, todos os aspectos principais da vida e obra do eminente autor de *Um Estadista do Império*.

A "influência de Resan", sua "formação política e literária", a "campanha abolicionista e o "espírito de sacrifício" nela manifestado, seus dotes de "eloquência parlamentar e popular", Nabuco como "homem de ação e de pensamento", sua posição como monarquista e o "drama de consciência" que precedeu a aceitação das missões diplomáticas em que novos e valiosos serviços iria prestar ao país — todos esses aspectos da vida do grande brasileiro foram apresentados, com elegância e simpatia de esclarecido admirador, pelo Sr. Affonso de Toledo Bandeira de Mello, no referido folheto, intitulado *Joaquim Nabuco*.

Helio Vianna.

Mascates & Bernardo, pelo Sr. Guilherme Auler. — Separata da revista *Tradição*, de Recife, de Novembro de 1940.

O Sr. Guilherme Auler, estudioso da história brasileira e, especialmente, da de seu Estado natal, Pernambuco, resolveu tirar em separata o artigo que sob o título *Mascates & Bernardo* publicou, recentemente, na revista recifense *Tradição*, por ele dirigida.

Trata-se, como indica o próprio título, do curioso episódio da história pernambucana que foi o da Guerra dos Mascates

e da discutida participação que nele teve Bernardo Vieira de Melo. Expondo os fatos á luz dos depoimentos, fidedignos ou não, que daquela época conseguiram chegar até nós, e, neles baseado, sujeitando á severa crítica quantas afirmações mais extensas, errôneas ou mal-informadas, têm sido feitas a respeito, o Sr. Guilherme Auler chegou a conclusões suscetíveis de provocar novas discussões, mas que, ainda assim, contribuirão, certamente, para que se possa restabelecer, afinal, a verdade contida em tais acontecimentos da história colonial brasileira do início do século XVIII.

Helio Vianna.

ALUIZIO AZEVEDO — *Obras Completas*. — Rio, F. Briguiet & Comp., 14 volumes, 1937-1941.

A livreria F. Briguiet vem de reeditar as obras completas de Aluizio Azevedo.

Esta reedição consta de 14 volumes cronologicamente assim ordenados: *Uma lágrima de mulher*, *O Mulato*, *A Condessa Vesper*, *Girândola de Amores*, *Casa de Pensão*, *Filomena Borges*, *O Homem*, *O Coruja*, *O Cortiço*, *O Esqueleto*, *A Mortalha de Alzira*, *Livro de uma Sogra*, *Demônios* e *O Touro Negro*.

Digno de registro e, principalmente, de aplausos, o cuidado desta reedição assinalando, na folha de rosto de cada volume, a indicação do número de edições. Trata-se de processo honesto e de grande utilidade para os estudos bibliográficos, tão descuidados entre nós. Dado que a mania condenável da não indicação do número de edições, seja conveniente para fins comerciais e de propaganda, é um erro bibliográfico que muito dificulta a tarefa dos historiadores da literatura.

Assim, nesta reedição da casa Briguiet sabe-se que foi *O Mulato* o livro de Aluizio mais editado, dele tendo-se tirado dez edições. O romance apareceu em São Luiz do Maranhão, em 1881. Depois a casa Garnier tirou mais as seguintes edições: 1889, 1895, 1897, 1901, 1909, 1923, 1927 e, finalmente, agora, a décima edição.

Depois de *O Mulato* os romances mais editados de Aluizio foram: *A casa de pensão* e *O homem* que tiveram oito edi-

ções. *A Condessa Vaspar* e *A mortalha de Alzira* que alcançaram seis edições. *Livro de uma sogra* que obteve sete edições. Quatro edições tiveram *Uma túgrima de Mulher*, *Girândola de amores* e o livro de contos *Demônios*.

Finalmente, tres edições: *Filomena Borges* e duas edições o volumezito de *O Esqueleto*.

Nasceu Aluizio Belo Gonçalves de Azevedo em São Luiz do Maranhão a 14 de abril de 1857 e faleceu em Buenos Aires a 31 de janeiro de 1913. Foram seus pais o consul de Portugal residente no Maranhão Davi Gonçalves de Azevedo e D. Emilia Amália Magalhães de Azevedo.

Os seus irmãos Artur e Américo, foram, também, escritores de nomeada. Américo, o mais moço, vivendo sempre no Maranhão não conseguiu grangear a fama literária de seus irmãos mais velhos: Artur no teatro, na imprensa e na poesia e Aluizio no romance.

Depois de fazer os primeiros estudos sob a orientação materna, ao atingir 17 anos começou Aluizio Azevedo a trabalhar num escritório comercial como encarregado da correspondência. Contrariando a vontade paterna que queria encareira-lo no comércio, descurou-se das atividades mercantis, para as quais não tinha a menor vocação e ainda na provincia natal começou a escrever, a desenhar, para o que tinha muito gosto e geito, a compôr os primeiros versos e as primeiras páginas de prosa.

Na carreira comercial chegou a ser guarda-livros mas detestava esta profissão. Exerceu, também, o magistério particular, ensinando português e desenho no Colégio Feillon, em São Luiz do Maranhão.

Mas a sua inclinação era para o desenho, para a pintura. Aos 14 anos de idade pedira ao pai consentimento para ir estudar pintura e desenho na Itália, o que não conseguiu. Mais tarde, no Rio, faz identico pedido á Assembléa Maranhense, solicitando uma pensão, que lhe foi também negada...

Não podendo realizar o seu ardente desejo de ir a Roma, aperfeiçor-se no desenho, poud embarcar para o Rio matriculando-se na Academia de Belas Artes. Isto foi em 1876. O seu irmão mais

velho, Artur, precedera-o e ha três anos vivia no Rio de Janeiro.

Aluizio fez-se caricaturista de revistas desenhando para *O Mosquito*, *O Mequetrefe*, *Comédia Popular*, *O Figaro*, *Vida Fluminense* e *Zig-zag*.

Ilustrou o romance *O Esqueleto* ou *Memorias da Casa de Bragança*, que saiu em folhetins na *Gazeta de Noticias* com o pseudônimo de Vitor Leal, pseudônimo atribuido a Aluizio Azevedo.

Pintou o pano de boca do teatro Ginásio e parte do cenário da opereta *Petite Mariée*, que foi um dos grandes sucessos do velho Alcazar.

Muito lhe serviram em sua vida de romancista, o geito, a habilidade para o desenho e a caricatura. Como recorda o Sr. Rodrigo Otávio, "Tinha Aluizio um modo interessante de trabalhar; procurava conviver com os personagens dos episódios que estava escrevendo. Para isso, para materializar esse convívio, êle mesmo, bom desenhista, completava a idealização de seu novo romance, pintava, a côres, sobre papelão, as respectivas figuras; recortava-lhes os contornos; pregava-lhes um pequeno bloco de madeira, de modo que se pudessem ter em pé e era, rodeado por êsses vultos, eretos na sua mesa de trabalho, em tórno de sua pasta, representando os figurantes das cenas que estava escrevendo, que escrevia tais cenas."

"E com esse original sistema, sob a sugestão direta da presença dos próprios personagens de que se ocupava, êle alcançava efeitos admiráveis. (Minhas Memórias dos Outros, Nova série, p. 101).

Morando o pai em 1878 teve que regressar ao Maranhão para tratar dos interesses da familia. Na provincia natal esteve até 1881 quando volta ao Rio de Janeiro.

No Maranhão consagra-se Aluizio ao jornalismo colaborando na *Pacotilha*, jornal fundado por seu cunhado Vitor Lobato. Escreve contos, crônicas, poesias, humorismo...

Entrando para a redação de um jornal, *O Pensador*, fundado e dirigido pelo Dr. Eduardo Ribeiro, teve que tomar parte numa violenta polémica travada entre os padres do Convento de Santo Antonio que redigiam o jornal católico *A Civilização* e *O Pensador*, jornal do Dr. Eduardo Ribeiro. Os padres processaram este jor-

nal e Aluizio apresentou-se como autor do artigo considerado injurioso pelo padre José Batista, que trava violenta polémica com Aluizio. Vencem os padres e a publicação de *O Pensador* foi suspensa.

Escrito em 1879 e publicado em 1880 aparece o primeiro romance de Aluizio: *Uma lágrima de mulher*. Trata-se de uma história sentimental e lamurienta, decalcado na novela de Bernardin de Saint Pierre e nas historietas lamartinescas...

A história meiga e edulcorada passando-se nas ilhas Lipari entre gente estranha não interessou e a novela passou despercebida.

Privado da colaboração do jornal do Dr. Eduardo Ribeiro, Aluizio Azevedo estuda, medita e escreve... Balzac, Flaubert, Zola são os seus mestres e os seus guias. E surge *O Mulato* que traz às letras brasileiras os processos da escola naturalista.

Acentua o Sr. Nogueira da Silva: "esse novo livro era a continuação em grande, num palco mais vasto, dos principais problemas que faziam o fundo do programa do jornalzinho proibido pelas autoridades da província. O problema da abolição, as questões do pigmento escuro, o domínio do padre no seio da família maranhense. Ajunte-se a isso a fotografia feliz da cidade de São Luiz aí pelos anos de 1850 e ter-se-á o material de que se serviu Aluizio, com rara habilidade, para fazer o seu primeiro romance." (*Uma lágrima de mulher*, p. VII).

O aparecimento de *O Mulato* foi um escândalo, um escândalo na pacata província natal porque na Córte foi retumbante triunfo literário raramente registrado em nossas letras: Urbano D'arte, que deu o famoso grito "Romancista ao Norte!", Araripe Junior, Joaquim Serra, Sílvio Romero, Clóvis Bevilaqua, Lúcio de Mendonça, Valentim Magalhães, Capistrano de Abreu, Raul Pompéia, José do Patrocínio, Tobias Barreto, Raimundo Correia, Fontoura Xavier, Ferreira de Menezes, Adelino Fontoura, Sá Viana. Kosséritz recebem o romance de baixo de fragorosos aplausos e elogios...

No Maranhão, no entanto, foi Aluizio insultado e combatido, injuriado e agredido... Mas tão grande foi a publicidade em torno do novo escritor que pouco a pouco, esgotada a primeira edição do ro-

mance em pouco mais de um ano conseguiu haveres para de novo rumar em direção do Rio de Janeiro, não pensando mais em estudar artes plásticas em terras italianas. A primeira edição de *O Mulato* foi de 2.000 exemplares e foi com o dinheiro que ganhou então que voltou à Córte. Isto em 1881.

Trabalhosa, mas fecunda foi então a vida de Aluizio Azevedo no Rio de Janeiro.

Tal qual como seu irmão Artur tinha que escrever para ganhar dinheiro para viver. E como Artur teve que transigir com os seus ideais artísticos para agradar ao grande público, aos editores e a empregários que vivem do grande público... Artur escreveu revistas, paródias e burletas e Aluizio escreveu romances-folhetins...

Antigamente o grande público lia e saboreava nos roda-pés dos jornais os romances-folhetins, cheios de artísticos e de paixões fortes, que toda gente lia, comentava, comparava e discutia... Hoje, é o cinema que fornece com seus mirabolantes dramalhões sentimentais o assunto para os comentários, as comparações e as discussões... E quem não vê estas grandes fitas desperta reparos e censuras...

Romances-folhetins eis o que tanto agrada ao paladar, nada apurado do grande público, que compra os jornais e paga as entradas de cinema...

E por isso, por exigência do grande público Aluizio industrializa a sua pena e manda para a *Gazeta de Notícias*, *Gazetinha* e *Folha Nova* os seus apressados romances-folhetins: *A Condessa Vesper ou Memórias de um condenado*, *Girândola de Amores ou Mistérios da Tijuca*, *Filomena Borges*, *A mortalha de Alzira*, *O Esqueleto ou Mistérios da casa de Bragança*...

Mas Aluizio não deixa estragar a pena nestas histórias de enredos embrulhados e sentimentais... e vai criando a sua galeria de grandes romances, numa série crescente de aperfeiçoamento artístico e literário: *Casa de Pensão*, *O Homem*, *O Coruja*, *O Cortiço*, *O livro de uma sogra*...

O livro de uma sogra apareceu em 1895 e esta data marca o fim da carreira literária de Aluizio Azevedo...

Procurando um meio de vida que não fosse esta necessidade de escrever roman-

ces para viver e auxiliado por Graça Aranha que lhe deu explicações de Direito Internacional, fez um concurso para seguir a carreira consular, conseguindo ser nomeado vice-consul em Vigo. Parte para a Espanha a 11 de fevereiro de 1896, iniciando outra fase de sua vida..

Vice-consul na Espanha, Japão, Uruguai e Argentina; consul na Inglaterra e na Itália; consul-geral no Paraguai e na Argentina a carreira consular de Aluizio Azevedo foi afanosa e cheia de bons serviços prestados nos postos que lhe confiavam.

Morreu como consul-geral em Buenos Aires a 21 de janeiro de 1913.

A' semelhança de Balzac e de Zola, este com os seus Rougon-Macquart e aquele com a sua Comédia Humana, pensou Aluizio Azevedo em dar á sua obra um caráter geral, com o cunho de livros seriados, cujos personagens se ligassem á vida nacional, representando-a em vários de seus setores. O próprio autor divulgou este plano, publicando-a na revista literária *A Semana*, que tanta influencia exerceu em nossos destinos literários. Esta série teria por título *Brasileiros antigos e modernos* e constaria de cinco volumes, sendo o primeiro *O Cortiço*, único que foi escrito e publicado. Os outros teriam as seguintes definições: *A Família Brasileira*, *O Felizardo*, *A Loureira* e *A Bola Preta*.

Mas Aluizio Azevedo que desejava ser o historiador da vida social brasileira, como Balzac e Zola o foram da sociedade francesa, depois que ingressou no quadro consular não escreveu mais nenhum romance...

Muitas explicações, muitas interpretações tem sido dadas a respeito do silencio de Aluizio durante todo o tempo (quasi 20 anos) que exerceu as funções consulares em estranhas terras.

Dizem uns que Aluizio sempre escreveu para ganhar dinheiro e uma vez entrando para a carreira consular e tendo meios de subsistencia quebrou para sempre a pena de escritor.

Dizem outros que Aluizio resentira-se da critica injusta feita aos seus últimos livros, principalmente ao *Livro de uma sogra*, que um crítico chegou a proclamar que era um decalque de *Sonata a Kreutzer*, de Tolstoi...

Dizem outros que a saudade da pátria, a nostalgia, embotara a imaginação creadora do romancista de *A casa da pensão*, porque Aluizio nas cartas aos seus amigos só aludia ao seu degredo, ao seu exilio...

Afranio Peixoto que conversou longamente em Nápoles com Aluizio em 1909, ouve de Aluizio a confissão que o escritor ainda não abandonára de todo a pena e que tencionava ainda elaborar um romance. Ouçamos Afranio Peixoto: "Por fim, nesta conformidade, confiou-me que tinha uma idéia e a vontade de escreve-la. Seria um conflito religioso, entre povo simples e rude do interior do Brasil, um desses muitos Antonios Conselheiros que se apossam da alma das multidões sertanejas. Mas seria em grande, pensado e trabalhado, na idéia geral e no meio em que a ação se devia desenvolver.

"Pelo que compreendi seria uma espécie de D. Quixote da fé, chamado a uma tragédia pelas contingencias da incredulidade dos homens e da brutalidade da civilização que nos quer todos reduzidos ao pacifismo da vida comum.

"Isso lhe daria um belo estudo de visionário e condutor de homens, de massas fanatizadas que acham um ideal, elas que o não temem da civilização com quem apenas se comunicam, mas de que não fazem parte, do sertão brasileiro, abandonado. "largado de Deus e dos homens" mas capaz de rebelar-se e morrer. Para isso seria preciso pensar e estudar. Esse problema obscuro e difficil, da gênese das religiões desafiava-o como preparação. De Paris enviei-lhe alguns livros, talvez impios, pois que já possuía os outros, pelos quais a controvérsia gerasse no seu espirito uma idéia definida. Ao nos encontrarmos ha dois anos no Rio, de passagem para Buenos Aires, confesso-me que muita coisa estava pronta e outro tanto esboçado." E conclue Afranio: "Recebi depois por um amigo, o recado que "O MESSIAS" continuava na sua preocupação". (Rev. Acad. Bras., pág. 317). Abril 1913.

Numa sessão da Academia Brasileira, consagrada á memória de Aluizio, Coelho Neto confessa que não podia admitir que Aluizio, que ele conhecia intimamente, pois o descreve com o pseudônimo de Rufi Vaz em dois livros seus: *A Conquista* e

Fogo Fátuo, pudesse fazer um livro, digno dele, sobre os nossos sertanejos. E explica Aluizio não conhecia o sertão. "Todo êle era urubano, como sua observação quotidiana. Seria incapaz de escrever sem o documento humano, que êle ia procurar onde existisse, mesmo nas pocilgas e nos alcoices da Saude, entre maritimos e soldados, gente de toda a laia, rufiões e comborças, para os trazer até a realidade de suas ficções. Ele mesmo recortava e pintava bonecos aos quaes emprestava vida, atitudes, sentimentos, ações, caráter, com os quais falava e convivia, para a sua obra." (Rev. Acad. Brasileira, pág. 320) Abril 1913.

Aluizio, o Rui vaz de *A Conquista e Fogo Fátuo*, de Coelho Neto, era um boêmio inteligente e incorrigível. Mais tarde Aluizio contesta que tivesse sido um boêmio. Coelho Neto procura desmentir Aluizio dizendo que o velho amigo fôra "da boemia, porém a renegára mais tarde esquecido e injustamente envergonhado dela." (Idem, pág. 319), e narra diversos fatos e episódios da mocidade de Aluizio confirmando a sua declaração.

Aluizio Azevedo antes de entrar no quadro consular viveu sempre do que lhe dava a sua pena de escritor. Durante todo êste tempo só conseguiu um emprego e êste mesmo obtido por Coelho Neto que era amigo do Dr. Francisco Portela que, quando governador do Estado do Rio, deu uma colocação não só a Coelho Neto como ao seu amigo Aluizio Azevedo, que exerceu um posto burocrático na Diretoria dos Negócios do Estado do Rio, posto em que se manteve de 30 de junho de 1891 a 31 de janeiro de 1892.

Os dezoito anos que viveu Aluizio Azevedo exercendo as funções de consul. isto é, de 1895 á data de sua morte, que se verificou em 1913, não foram de todo estereis e improdutos.

Já aludimos ao romance *O Messias* que êle planejava escrever sôbre o fanatismo dos nossos sertanejos.

Sabe-se que Aluizio escreveu um livro sôbre o Japão, livro êste que não foi impresso porque o autor desejava fazê-lo com lucro, não conseguindo dinheiro para custear a impressão. O Almanaque Garnier de 1904 publicou um capitulo deste livro: *Japonezas e Norte-americanas*.

A sua estada na Espanha inspirou uma das mais perfeitas páginas da nossa literatura: *O Touro Negro*, descrição fiel e impressionante de uma tourada. Este conto está publicado na Revista da Academia Brasileira, março de 1925 e agora incluído no último volume das *Obras completas* reeditadas pela livraria F. Briquet & Comp.

Roberto Seidl.

CAROLINA NABUCO — *Catecismo Historiado* (Doutrina Cristã para a primeira Comunhão). Ilustrações de Seth. — Rio, Livraria José Olímpio, (1941).

Ha pouco tempo tivemos a oportunidade de falar num livrinho muito interessante e originalissimo: *Como rezar o terço*. Este livro, da autoria do padre Lelong e apresentado em artística edição da Companhia Melhoramentos de São Paulo, tem por finalidade ensinar ás crianças a usar e compreender o rosário, servindo-se, para isto, de um animal conhecido fixando, sem esforço, na memória infantil, os 15 mistérios da vida de Jesus e da Virgem Maria.

Idéia original, esta, do padre Lelong, ensinando ás crianças, por processo recreativo, os passos decisivos da vida milagrosa de Jesus Cristo.

Outro trabalho, tambem bastante interessante, e visando, igualmente, o ensino primário da doutrina cristã, é o da Sra. Carolina Nabuco: *Catecismo historiado*, Doutrina cristã para a Primeira Comunhão.

Neste livro, artisticamente ilustrado por Seth, a biógrafa de Joaquim Nabuco e romancista de *A Sucessora* ensina ás crianças as noções fundamentais da religião católica.

Apresenta a autora a figura meiga e carinhosa de uma mãe a ensinar, aos filhinhos, entre beijos e abraços, as noções básicas do catecismo. São diálogos animados e vivos em que a criança aprende e compreende sem esforço e sem canso.

No fim de cada capítulo conta a mãe aos seus pequenos ouvintes uma historietta referente á vida de santos, ás grandes figuras do clero ou aos grandes nomes do catolicismo como Bernardette e

Guide de Fontgalland, cuja história tanto interessa e emociona as crianças.

Lemos e apreciamos muitas destas historietas podendo destacar como modelares as que recordam as vidas e os feitos milagrosos de São Francisco, Santa Isabel de Portugal, Santa Inês, Joana D'Arc e, principalmente, a narrativa singela e piedosa sobre Pio X, o Papa das crianças.

Roberto e Elisinha, crianças de 7 e 8 anos, ouvem, atentas e interessadas, dos lábios maternos, as explicações, compatíveis com a idade, de toda a doutrina cristã.

E que melhores lábios, do que os lábios maternos, para ensinar a doutrina cristã?

Roberto Seidl.

João Luso (Armando Erse)
— *Orações e palestras*. — Rio
José Olímpio, 1941.

João Luso não é somente o cronista admirável que todos os domingos, num reda-pé do *Jornal do Comércio*, escreve as mais interessantes e bem feitas crôni-

cas da língua portuguesa, é também, conferencista e orador.

Em *Orações e palestras* reuniu João Luso algumas de suas peças oratorias editando-as a livraria José Olímpio. Ao abrir o volume tive uma decepção, aí não encontrando a magnífica conferencia pronunciada pelo escritor sobre *A obra edificadora de Eça de Queiroz* que eu tive a fortuna de ouvir e depois lêr nas colunas do *Jornal do Comércio*, mais ou menos em 1916...

Se João Luso não quiz incluir este trabalho, sobre todos os aspectos, admirável, formou contudo uma linda antologia de "orações e palestras".

Abre o livro a conferencia sobre *O amor nas trovas populares*, depois veem palavras sentidas e sinceras sobre Emilio de Menezes, Coelho Neto, Julia Lopes de Almeida, Alberto de Oliveira, Eduardo Prado, Adolfo Araújo, Afonso Arinos, Amadeu Amaral e Orlando Teixeira...

Encerra-se o volume com discursos pronunciados no recinto pomposo e solene do Gabinete Português de Leitura referentes ao dia da Colonia Portuguesa e a uma manifestação ao Sr. José Carlos de Macedo Soares.

Roberto Seidl.